

Parte 1: Globalização e educação

Como resposta à globalização a concepção pedagógica "Globales Lernen" quer habilitar os educandos (e os educadores) a compreender a dimensão global da nossa realidade de vida, a favor de poder lidar com as transformações da globalização.

1. Quais são, de seu ponto de vista, as transformações no Brasil, que estão surgindo do processo da globalização, relevantes para a educação?

A principal dessas mudanças foi a aprovação da LDBEN (Lei nº 9394/96) pelo governo neo-liberal de FHC que permitiu a mercantilização e a desqualificação do ensino médio e do ensino superior. Nem a LDBEN (5692/71) dos militares teve coragem de equiparar a escola privada com a pública, tal como fez o MEC, especialmente a partir do 2º mandato do PSDB. Mesmo assim, os setores políticos de esquerda utilizaram as brechas da lei para desenvolver experiências educacionais com base no poder local que se contrapõe à globalização. São experiências localizadas e ainda isoladas como a bolsa-escola do governo Cristovam Buarque em Brasília pelo PT, ou como a cidade educadora da gestão petista em Porto Alegre. Infelizmente, a maioria das ong's no Brasil que atuam no campo da educação popular que criticam o governo Lula não conseguiram desenvolver nenhum modelo alternativo à mercantilização da educação, especialmente nas escolas confessionais (religiosas, quase todas mais ou menos com um discurso da teologia da libertação), embora tivessem muito mais dinheiro e contratassem muitos intelectuais contratados. O IBGE publicou um censo sobre as ong's no Brasil em 2002 que aponta para isso: as ong's filantrópicas no Brasil empregam 1,5 milhão de trabalhadores, mas não conseguiram nada semelhante ao que poucos agentes públicos petistas construíram com menos dinheiro.

2. Quais as consequências das transformações da globalização para a educação e a pedagogia no Brasil

a) no que se refere aos seus objetivos?

A LDBEN marcada pela influência das agências internacionais (BID, FMI, etc...) definiu objetivos propositadamente inalcançáveis para a educação obrigatória: formar a pessoa humana, formar para o trabalho, formar para a cidadania e para estudos mais avançados. Ora, numa visão tradicional da democracia liberal quem forma para a cidadania são os partidos políticos; para o trabalho são os patrões. Restou a educação pública a tentativa de formar o ser humano e fornecer-lhe as informações e as habilidades necessárias para que assumam a herança cultural da humanidade. Concordo com Saviani que defende a necessidade dos educadores arrancarem a educação da racionalidade financeira e conduzi-la para a racionalidade social.

b) no que se refere aos seus métodos?

Como diz o clássico José de Souza Martins a educação mudou para não mudar nada. Ou seja, a escola pública permanece com os velhos métodos do coronelismo brasileiro, constituindo o "poder do atraso" pelos índices absurdos - porque desnecessários - de evasão e de retenção dos mais pobres dos pobres. A escola privada e privatizante, especialmente as religiosas, mantem a mesma metodologia do "poder do atraso" pelo revés: mantendo os filhos da classe média e rica evadidos dos demais concidadãos pobres e retidas dentro dos muros protegidos de escolas ricas cada vez mais apartadas (apartheid) da realidade brasileira.

c) no que se refere a sua didática?

Acho que a didática do atraso persiste: o ensino é concebido para separar os pobres com alguma possibilidade de inserção subalterna na sociedade capitalista brasileira dos pobres sem nenhuma possibilidade de qualquer inserção. A didática que ensina a pensar, numa perspectiva liberal emancipatória, ainda não chegou no ensino fundamental, especial nas séries iniciais. As mudanças que indiquei antes (Brasília e Porto Alegre), produziram-se a partir de uma didática construtivista de tipo piagetiano e/ou vigotskiana.

3. Por favor, indique até cinco conhecimentos, capacidades e competências que você acha importante a ensinar e aprender para poder lidar com as transformações da globalização e justifique:

Eu não acredito em Delors e muito menos nas propostas de Jontiem que deram um rosto mais atraente para as propostas pedagógicas neo-liberais. Eu ainda sou um kantiano: as pessoas precisam aprender a ler, escrever e contar para que possam dizer sua palavra na expressão de Ernani Maria Fiori no Prefácio do Pedagogia do Oprimido do Freire porque

ler porque ler é o meio mais eficiente para o sujeito assenhorar-se do patrimônio cultural da humanidade

escrever porque não há outra forma mais eficiente para partilhar com a humanidade do saber que o sujeito produz

contar porque é fazendo matemática que as pessoas se emancipam das falácias da exploração econômica e também porque o raciocínio matemático é uma linguagem universal

PENSAR porque Como disse sou kantiano: qualquer ser humano é um ser racional porque pensa e pensa porque aprende a pensar pela capacidade de fazer sua leitura do mundo, pela

capacidade de dizer sua própria palavra e calcular o seu valor no mundo da cultura que é o mundo do trabalho.

Parte 2: Diálogo teórico

Um dos paradigmas centrais para a realização das concepções de "Globales Lernen" é o diálogo entre os hemisférios "sul" e "norte".

4. Quais aspectos e temas você vê para um diálogo entre o Brasil e a Alemanha sobre a teoria da educação e da pedagogia no contexto da globalização?

É o diálogo entre oprimidos daqui do Brasil e daí da Alemanha. Nós precisamos mais do que nunca, no contexto da globalização, nos lembrar de duas coisas: o internacionalismo operário, e de que por Cristo já não somos judeus ou gregos, homem ou mulher, mas todos somos um em Cristo. Para mim é desse internacionalismo que a gente precisa no contexto da globalização.

5. Sob quais condições e com quais possibilidades pode iniciar-se e desenvolver-se um diálogo entre o Brasil e a Alemanha sobre a teoria da educação e da pedagogia no contexto da globalização?

Como sempre: pelo orçamento! Acho que foi abrindo o diálogo cognoscente a partir do concreto do orçamento e do abstrato das nossas necessidades que pude viver a experiência pastoral com o Orçamento Participativo de Porto Alegre. Infelizmente, não conheço nenhuma ong por mais radical que seja seu discurso que tenha feito a mesma coisa que o PT fez (e mal!!!): abrir o diálogo a partir do orçamento. Ou seja: penso que a condição é essa: quem paga esse diálogo, como paga e quem ganha o quê com ele?

6. "Globales Lernen" quer educar para cidadania planetária, sustentabilidade e diversidade cultural. O que para você significa

a) "Cidadania planetária"?

Significa saber fazer a minha cidadania no meu bairro, com os demais vizinhos. Só posso ser um cidadão do planeta, se sou cidadão no meu terreno que é aquele onde vive o povo do meu bairro no interior do qual eu sou um indivíduo.

b) "Desenvolvimento sustentável"?

O óbvio: produzir o bem-estar possível pelo maior tempo, com a maior abrangência e com o menor custo. Aqui acho que a agroecologia da agricultura familiar por ajudar a pedagogia do "Global Lernen": usar todo o recurso científico para produzir melhores alimentos com menos dispêndio de energia e de trabalho para obter o lucro mais razoável a longo prazo.

c) "Diversidade Cultural"?

Acho que a diversidade tem limite para que possa haver o diverso eu tenho que ter o verso. Estou mais próximo de uma posição que defende o hibridismo cultural que é a consequência emancipatória da diversidade. A diversidade cultural não pode significar apenas que admiremos as culturas uns dos outros, mas que com a admiração pelas nossas diversas culturas, possamos produzir de forma criativa novas culturas, híbridas, que se revolucionam umas desafiadas pelas outras. Eu acho que a cultura diversa não pode continuar a mesma se, de fato, passou pela experiência concreta e real da diversidade.

7. Você concorda com "Globales Lernen", que uma educação para cidadania planetária, sustentabilidade e diversidade cultural deve ser parte integral da resposta pedagógica à globalização?

☒ Sim Não Não estou certo

Justifique, no caso de qualquer uma das opções:

Faz mais de dois séculos que estamos vivendo a globalização. Pelo menos ela já aparece no Manifesto de 1848 na Europa e antes, apareceu no século I na Palestina: Ide e fazei discípulos por todo o mundo. Acho, no entanto, que essas três características já estavam presentes de forma evidente mas não foram apropriadas pelos intelectuais nos movimentos sociais dos povos oprimidos.

No caso de "Sim", como pode desenvolver-se uma prática pedagógica para cidadania planetária, sustentabilidade e diversidade cultural?

A partir da prática de minha cidadania no meu bairro, da minha experiência com uma forma mais solidária de produção e consumo no meu local de trabalho e na experiência que faço com a minha própria cultura. O mundo começa na minha casa que está entre as casas dos vizinhos.

Acho que vale a velha e quase esquecida proposta da teologia da libertação dos bons tempos: trabalho de base!

Parte 3: Cooperações pedagógicas

Na sua prática pedagógica "Globales Lernen" quer desenvolver e realizar projetos pedagógicos num diálogo entre os hemisférios "sul" e "norte". Neste contexto é objetivo de "Globales Lernen" "abrir" as instituições de ensino para cooperar com a sociedade civil, num sentido de educação em redes.

8. Quais aspectos e temas você vê para projetos pedagógicos bilaterais entre Brasil e Alemanha?

Não tenho conhecimento. Conheço muitos trabalhos que se dizem da educação popular que são financiados por organizações alemãs e executados por brasileiros, numa típica relação imperialista.

9. Sob quais condições e com quais possibilidades poderiam iniciar-se e desenvolver-se projetos pedagógicos bilaterais entre Brasil e Alemanha?

No Brasil criamos a duras penas "esferas públicas não-estatais": os conselhos municipais/estaduais/nacionais das políticas públicas: educação, assistência social, direitos da infância e juventude, estatuto das cidades, PRONAF, etc... que estão gerindo as políticas públicas de forma paritária entre estado e sociedade civil, construindo a autonomia e a soberania de nossa nação. Acho que esses projetos pedagógicos têm que passar por esses conselhos e a eles estarem subordinados. Acho que nós a cidadania e o estado brasileiro estamos superando as limitações da política social-democrática e neo-liberal (que tem suas diferenças mas não são tão profundas como aparece no seus respectivos discursos) através dessa experiência dura, pesada, difícil e conflituada de obrigar a sentarem juntos a sociedade civil e o aparelho estatal. Conforme Tarso Genro e outros intelectuais (Boaventura de Souza Santos, Habermas, p. ex.) nós não precisamos mais acreditar na absoluta maldade do Estado e na absoluta honestidade da sociedade civil. Sou luterano há tanto pecado e tanta graça no estado e na sociedade civil.

193 10. O que brasileiros e alemães poderiam aprender nestes projetos pedagógicos bilaterais?

194 A sermos, de fato, democráticos: a exercer o que prevê as nossas constituições federais: a nos
195 submetermos ao poder popular da república, ou seja, nos submetermos ao estado democrático
196 de direito com radicalidade e sem subterfúgios.

199 11. Como você descreve a situação da sociedade civil no Brasil?

200 É tão decepcionante e corrupta quanto o governo Lula que é o meu governo, é o melhor que já
201 tivemos nessa pátria0.

204 12. Quais possibilidades, potenciais e problemas você vê para a sociedade civil no Brasil
205 contribuir para projetos pedagógicos bilaterais?

206 Sou mais Maquiavel: a sociedade civil ("o principado civil") só existe em função do estado.

207 Acho que só existe uma contribuição de fato a partir das "esferas públicas não-estatais" que
208 são uma nova síntese dialética do estado democrático liberal e da sociedade civil formada pelo
209 liberalismo.

211 Outros assuntos, comentários e recomendações de literatura que você gostaria de acrescentar
212 neste contexto:

214 Um autor brasileiro importante para o tema da globalização é Milton Santos.